

UM OLHAR SENSÍVEL PARA A EDUCAÇÃO DE BEBÊS: A ABORDAGEM PIKLER

Édina Ângela Antunes de Lima¹
Elenice Ana Kirchner²

RESUMO: O presente estudo aborda acerca de uma metodologia diferenciada para os bebês, a Abordagem Pikler, que apesar de existir há muito tempo, ainda se tem pouca publicação, ou disseminação sobre a mesma. Essa abordagem tem como cunho principal proporcionar o desenvolvimento pleno integral dos bebês sem que haja acelerações ou estimulações precoces. Desenvolveu-se pesquisas bibliográficas para ter embasamento teórico acerca da temática, possibilitando assim conhecer toda a história da Abordagem Pikler. O que proporciona conhecimentos inestimáveis acerca da educação infantil, desmistificando o fato de ser algo simples, ficando evidente o quanto trabalhar na educação infantil é algo complexo e desafiador, necessitando de profissionais altamente qualificados.

Palavras-chave: Abordagem Pikler; Autonomia; Vinculo; Movimento; Organização dos espaços.

ABSTRACT: The present study deals with a differentiated methodology for infants, the Pikler Approach, which, although it has existed for a long time, still has little publication or dissemination about it. This approach has as its main goal to provide the full development of the babies without accelerations or early stimulation. Bibliographical research was developed to have a theoretical basis on the subject, allowing to know the whole history of the Pikler Approach. What provides invaluable knowledge about early childhood education, demystifying the fact that it is something simple, it becomes evident how much work in early childhood education is complex and challenging, requiring highly qualified professionals.

Key words: Pikler Approach; Autonomy; Bond; Movement; Organization of spaces.

INTRODUÇÃO

Por demasiadas vezes os profissionais da educação infantil são cobrados tanto pela sociedade quanto pelos pais a mostrar contínuos resultados, de preferência precocemente, quanto ao desenvolvimento do bebê, deste modo, desenvolvem atividades que acabam por vezes trazendo malefícios aos educandos. Por esse motivo a pesquisa proporciona desmistificar a ideia que estimulações constantes e precoce são importantes.

Assim, pensamos em buscar embasamentos teóricos que proporcionou perceber o quão importante e complexo é o ato de trabalhar com os bebês,

¹ Acadêmica do Curso de Pedagogia do Centro Universitário FAI. E-mail: edynnaschmidt@gmail.com

² Professora do Curso de Pedagogia do Centro Universitário FAI. E-mail: elenice@uceff.edu.br

desmistificando a falsa concepção que muitas pessoas têm a cercada educação infantil, rotulando-a como um trabalho fácil e simples de realizar. Após a pesquisa bibliográfica, ficou nítido a necessidade de ter profissionais qualificados para atuar nessa área.

Os avanços no âmbito escolar são visíveis e se fazem necessários, principalmente acerca da educação infantil. Assim alguns espaços educacionais que atendem crianças de 0 a 3 anos adotam métodos diversificados, que sinalizam proporcionar o pleno desenvolvimento integral da criança, e abordagem Pikler é um desses métodos.

Deste modo, a pesquisa objetivou-se compreender como acontece a educação dos bebês através da teoria da Abordagem Pikler, com ênfase nos fatores que possibilitam um desenvolvimento pleno integral, demonstrando também a importância do vínculo afetivo entre o professor e o bebê, a autonomia, benefícios do brincar livre e em ter espaços adequados para atender os bebês.

Buscamos então analisar o uso da Abordagem Pikler nos espaços de educação infantil, conseguindo assim entender sua importância, destacando que é um método complexo, que exige conhecimento acerca da abordagem, e principalmente requer que o professor seja autêntico, e que esteja sobretudo disposto a contribuir para o êxito no processo de desenvolvimento integral da criança, respeitando seus limites, e assim conseguindo explorar suas competências.

DESENVOLVIMENTO

1.1 O SURGIMENTO DA ABORDAGEM PIKLER

É propício ressaltar que atualmente alguns espaços infantis estão aderindo à Abordagem Pikler, sendo que essa metodologia de ensino foi fundada pela Dr. Emmy Pikler, que estudou em Viena, com formação em pediatria e em ortopedia, nasceu em 1902, e morreu no ano de 1984. De acordo com Soares (2017), Emmy Pikler no início de sua carreira trabalhava como médica de família que tinham boas condições financeiras, e atuava também como diretora de uma instituição de acolhimento, nomeada como instituto Lóczy, nome dado porque se localizava na rua Lóczy na capital da Hungria, em Budapeste. As ideias de Emmi Pikler acerca do

desenvolvimento infantil de crianças de 0 a 3 anos são bem diferentes das que fazem parte da nossa realidade.

No Brasil, de acordo com Falk (2016), no ano de 2014 formou-se um grupo de pessoas interessadas em estudar profundamente essa Abordagem, então realizaram um intercâmbio, onde participaram de palestras, cursos, consultorias, cine debates, grupos de estudo e tradução de materiais, porque a maior parte dos livros eram na língua estrangeira. No final da Segunda Guerra Mundial, o governo Húngaro convidou Emmi Pikler para assumir um abrigo que atendia crianças de 0 a 3 anos de idade, o Instituto Lóczy. Quando a pesquisadora morreu, o abrigo passou a se chamar de Instituto Pikler, para homenageá-la, já que Emmi Pikler contribuiu de forma significativa para o desenvolvimento de todas as crianças que chegavam até lá.

Emmi Pikler queria aplicar sua metodologia com as crianças que estavam no abrigo, mas nesse local já haviam profissionais que trabalhavam ali antes dela chegar, ou seja, tinham metodologias diferentes de trabalhar com essas crianças, e mesmo Emmi Pikler explicando e demonstrando como deveria acontecer, eles não conseguiam desenvolver a abordagem defendida por Emmi Pikler, o que ocasionou a demissão da grande maioria dos profissionais que ali trabalhavam.

Isso porque, assim como a maioria dos professores que atuam na educação infantil realizam suas funções de forma mecanizada, ou seja, tudo é feito dentro da rotina da instituição, que acaba por vezes não trabalhando as necessidades das crianças, realizando por demasiadas vezes sua função de forma acelerada, para conseguir seguir rigidamente a rotina estabelecida, sem levar em consideração o desenvolvimento pleno integral das crianças.

Com a saída desses profissionais (professores), Emmi Pikler teve que contratar novos professores, e então optou por contratar os que estavam recém-formados, ou ainda em formação (pessoas mais novas), pois acreditava que seria mais fácil de ensinar, já que ainda não tinham uma concepção formada de como trabalhar com crianças pequenas, e assim conseguiria fazer com que desenvolvessem sua abordagem de forma coerente, visando sempre a criança como prioridade.

Diante da necessidade de ter profissionais preocupados com o desenvolvimento da criança, Soares (2017, p.18) nos coloca que Emmi Pikler:

Passou a formar continuamente profissionais, orientando-os a fazer gestos delicados durante os cuidados, como alimentação, banho e troca de fraldas; A considerar as necessidades individuais e a reagir a cada manifestação das crianças. Explicava a importância de conversar com os bebês durante os cuidados, prestando muita atenção em como eles reagiam a palavras e gestos, na intenção de promover oportunidades para que possam interagir.

Percebemos o quão é importante existir um vínculo mais próximo com a criança, mas infelizmente existem alguns fatores que acabam dificultando esse contato, são eles, a quantidade de crianças X quantidade de professores, a rotina, que assim como salientada anteriormente, é essencial ser adaptada e flexível para atender as necessidades das crianças. Fatores esses que se planejados coerentemente possibilitaria uma interação recíproca entre a criança e o professor.

1.2 O BRINCAR LIVRE E SEUS SUBSÍDIOS

Perante a Abordagem Pikler, o ato do brincar livre é extremamente importante, isso porque possibilita às crianças exercer suas potencialidades criativas e cognitivas. Durante os momentos de brincadeiras livres, permite com que elas conheçam as diferentes texturas dos objetos os quais foram dispostos a ela, bem como suas formas, tamanhos e peso. E quando o professor possibilita esses momentos, proporciona para que as crianças se tornem seres criativos, pensantes, autônomos, sem a interferência do professor, ou seja, as crianças são os verdadeiros protagonistas. (BALOG, 2017).

Sabemos que o brincar livre nem sempre foi visto como algo que pudesse estar contribuindo para o desenvolvimento da criança. Principalmente os pais acreditavam que no momento em que o professor proporcionava a criança o brincar livre, estavam apenas “matando tempo”, ou seja, não estavam fazendo o que de fato deveria ser feito no espaço educacional, que é fazer com que as crianças avancem suas etapas o mais rápido possível.

De acordo com Dias (2010, p. 81) quando a mesma lamenta que assim como os pais, o que é mais agravante é que:

Infelizmente alguns professores desconhecem a riqueza desses momentos por acreditarem que as crianças só aprendem quando eles estão ensinando. Assim, desconsideram momentos de observação, que lhes permitiria conhecer melhor as crianças e colher informações necessárias para uma intervenção educativas e pedagógicas consciente, condição

necessária para a proposição de situações significativas favoráveis ao seu desenvolvimento desses sujeitos.

Alguns pais também acreditavam nessa falsa concepção, e muitos professores por demasiadas vezes também proporcionam momentos de brincar livre, não como uma forma de promover conhecimento, descoberta ou aprendizagens significativas, mas porque sobrava tempo, ou não tinham mais atividades para realizar com as crianças. Apenas agora, em pleno século XXI que essa concepção está sendo aos poucos desmistificada.

Kálló (2017), destaca que por demasiadas vezes os arranjos nos espaços escolares não são adequados para atender as necessidades da criança, ou facilitar o seu desenvolvimento. Emmi Pikler percebeu que deveria ajustar um espaço para promover não somente o melhor desempenho da criança durante suas ações, mas preocupada também com o bem-estar que também influencia no processo de desenvolvimento.

Assim Kálló (2017, p.12) ressalva que:

Os espaços de convivência do Instituto foram detalhadamente pensados para permitir que os bebês exerçam seu potencial criativo através de objetos de diferentes formas, tamanhos, texturas, volumes, cores etc., para explorar e brincar de forma curiosa e espontânea, exercitando livremente a sua motricidade e reconhecendo suas habilidades e competências.

Os benefícios que o brincar livre proporciona à criança só pode ser percebido, se o professor acompanhar essa ação de perto, conseguindo então identificar quando o bebê exercita sua motricidade, bem como reconhece suas habilidades e competências, assim como Kálló explica. Todo esse processo do brincar necessita acontecer em um ambiente seguro, possibilitando que o bebê seja autônomo em suas ações, e se sinta protegido, porém desafiado, o que o instiga ainda mais.

Sabemos que dar liberdade para a criança brincar, se locomover, de forma autônoma ainda é algo difícil e Kálló (2017, p. 13) ressalta que:

O grande desafio dos espaços coletivos e familiares é respeitar cada etapa do desenvolvimento da criança, não impondo atividades e ações que correspondam, exclusivamente, ao interesse do adulto. Na contemporaneidade esse desafio é ainda maior, se o compararmos aos anos iniciais de pesquisa do instituto Pikler, devido à incessante oferta de uma sociedade de consumo, que, em geral desrespeitam o tempo e o ritmo da criança.

Concordamos com a autora quando ela coloca que hoje pertencemos a uma sociedade totalmente consumista, o que também acaba influenciando negativamente no processo de ensino aprendizagem, já que as crianças passam a ser presenteadas frequentemente cedo com brinquedos, ou objetos que tem o objetivo de as estimular, ou seja, acelerar algo que ainda não estava na hora de acontecer.

Isso nos remete que trabalhar com crianças de 0 a 3 anos de idade é uma responsabilidade muito grande, pois tem-se a necessidade de proporcionar o desenvolvimento integral da criança, tentando sanar ou até mesmo amenizar os prejuízos que demasiadas vezes os familiares que convivem com a criança causam mesmo sem o intuito. O profissional da educação infantil, precisa estar atento aos mínimos detalhes.

Assim, visando um desenvolvimento significativo no Instituto Lóczy, Emmi Pikler optava por brinquedos não estruturados (não industrializados), optava por oferecer às crianças objetos presentes no cotidiano, tais como madeira (argolas, blocos, tocos), palha (cestos, porta guardanapos, descansa pratos), bambus (colheres, potes, pedaços de bambu), plástico (bacias, baldes, bolas), metais (coadores, canecas, formas), borracha (bichinhos, bonecas, bolas), dentre outros. Tendo semelhança com os brinquedos utilizados na Escola Waldorf. (SOARES, 2017).

É necessário destacar que esses objetos mesmo simples, precisam ter característica interessante, e boa qualidade tátil, possibilitando assim uma excelente exploração manual. Compreende-se então, porque o brincar livre necessita estar presente no cotidiano e na rotina dos espaços educacionais, pois suas contribuições são inúmeros no processo de aprendizagem e desenvolvimento saudável da criança.

É importante frisar que o professor precisa olhar além do que é visível, ou seja, sensibilizar-se e perceber que antes de tudo, é necessário criar vínculo com as crianças, principalmente nos momentos de cuidados como a troca de fraldas e alimentação, pois possibilita ao professor um contato mais próximo com a criança. Isso acarreta em uma relação de confiança, a partir de então a criança desenvolve seus movimentos e aprimora cada vez mais sua autonomia.

1.2.1 Autonomia, vínculo e movimento na educação infantil

uceff.edu.br

Centro Universitário FAI • |49| 3678.8700
Rua Carlos Kummer, 100
Bairro Universitário
Itapiranga - SC • 89896-000

Centro Politécnico • |49| 3319.3800
Av. Irineu Bornhausen, 2045 E
Bairro Quedas do Palmital
Chapecó - SC • 89814-650

Unidade Central • |49| 3319.3838
Rua Lauro Müller - 767 E
Bairro Santa Maria
Chapecó - SC • 89812-214

O estudo acerca da educação infantil vem tomando uma grande proporção, continuamente pesquisas são realizadas com o intuito de anunciar ações que possam estar contribuindo no processo de ensino aprendizagem das crianças pequenas. O processo de autonomia, vínculo e movimento está em pauta, sendo necessário fomentar seu papel ou contribuições perante a educação infantil.

Quando se refere a bebês, a palavra autonomia de primeira instância parece não conciliar, pois o bebê é visto como um ser que depende totalmente dos cuidados e auxílios de um adulto. Sim e isso é verídico, para tanto é durante a fase dos dois a três meses que o professor pode estar proporcionando ações que tenham como finalidade desenvolver a autonomia do bebê.

É necessário destacar a explicação de Soares (2017, p. 22), quando ela explana que:

Se considerarmos o bebê como um ser competente e com potencial para se relacionar desde o nascimento, e não um ser passivo, apto apenas a receber o que o adulto oferece, é essencial estabelecermos com ele, desde o início de sua vida, uma relação de confiança e colaboração.

É exatamente isso que Emmi Pikler defende, enfatiza que durante os cuidados básicos essa autonomia pode ir sendo trabalhada, algo simples, mas que por demasiadas vezes passa despercebido. Pedir a ajuda do bebê durante a troca de roupas por exemplo, solicitar que o bebê erga o braço para colocar a manga da camisa, e mesmo que no início ele não realize esse movimento, ou até mesmo se realizar de forma espontânea, é crucial supervalorizar a ajuda do bebê.

A valorização que é demonstrada no momento em que o bebê realiza algum movimento é necessária, pois conforme ele vai crescendo, passa a atribuir significado aos gestos, e então percebe que sua colaboração é importante, e então passará a participar de forma voluntária. É importante enfatizar que o professor tenha cautela, pois é um processo demorado e que exige paciência, e persistência. (SOARES, 2017).

Hansen (2017, p. 84), ressalta que:

Um adulto que ama a criança sinceramente poderá confiar em seus potenciais, acreditar que irão se desenvolver. E por isso permite que a criança faça por si mesma o que ela realmente pode fazer. Essa ideia sintetiza o que entendemos por atividade espontânea.

Cabe enfatizar também, que muitas vezes pais e professores amam tanto seu filho ou alunos, que acabam exercendo paradoxalmente uma proteção que infelizmente acarreta prejuízos no processo de desenvolvimento da autonomia, uma vez que, privam as crianças de vivenciar algumas experiências que são de suma importância. E quanto aos professores, estes têm a necessidade de acreditar e incentivar os alunos, para que os mesmos sintam que possuem potencial, (SOARES, 2017).

Compreendemos assim, que o amar significa estar ciente de que a criança precisa de autonomia, isso não significa que não podemos ajudar, quando for necessário o professor pode auxiliar, mas não se tornar invasivo, ou querer ensinar precocemente algo que a criança ainda não está pronta para absorver ou aprender, ou seja, é preciso ter respeito para com a criança.

Toda essa teoria parece ser algo muito simples, mas quando nos deparamos com algumas ações realizadas principalmente por professores, nos indaga e nos faz refletir e concordar que os adultos sentem necessidade de fazer com que a criança mostre o que sabe fazer, (o quanto antes), e para isso desrespeitam seu tempo. Para explicar acredita-se que seja fundamental compartilhar as ideias de Hansen (2017, p.85), quando o mesmo enfatiza que:

Esse pensamento sustenta a atitude que leva o adulto a manter a criança, às vezes por períodos longos, por si mesmo ou com ajuda de diversos acessórios, em posição que ainda não domina. Leva a criança a repetir movimentos que, todavia, não é capaz de executar sem ajuda, ou movimentos que ela ainda não utiliza em suas atividades cotidianas.

Esses movimentos ou estímulos que a criança pequena realiza, por excessivas vezes é considerado algo maravilhoso para pais e alguns professores, pois acreditam que a criança está aprendendo rápido, e para leigos isso é algo extraordinário. De acordo com Soares (2017), a abordagem Pikler defende que a criança precisa se desenvolver no seu tempo, onde nada será forçado, ou antecipado, os movimentos serão realizados quando a criança se sentir pronta e apta a realiza-los de forma autônoma, a tornando a principal agente do seu desenvolvimento.

Hansen (2017, p. 86) comenta acerca da abordagem Pikler, explicando que sua criadora desenvolveu:

Suas pesquisas e seu trabalho prático com bebês por mais de 50 anos mostraram o quão prejudiciais podem ser algumas ações habituais que pais e educadores tem com as crianças pequenas, tais como: deixar a criança de barriga para baixo, colocá-la sentada ou em pé, fazê-la andar a qualquer preço- forçando-a a manter esta posição de forma desajeitada.

Complementando que esses movimentos que as crianças são forçadas a realizar, causam um desequilíbrio muscular e tônico, que prejudicará a criança não só no momento que são realizados esses movimentos, mas de acordo com Hansen (2017), a prejudicará por toda sua vida. Por isso a preocupação que se tem sobre deixar a criança ter iniciativa e autonomia, pois após várias tentativas que irá realizar, as quais são necessárias para desenvolver uma boa coordenação e equilíbrio, conseguirá com destreza se movimentar e locomover com calma e cuidado.

Soares (2017), com embasamento na Abordagem Pikler, dialoga com o professor Hansen sobre o desenvolvimento espontâneo da criança, ressaltando que as crianças quando estão com uma boa saúde física e psíquica, tem capacidade de se mover com total liberdade, e assim conseguem passar por todas as etapas que favorecem a ampliação motora, isso tudo de forma autônoma, enfatizando que assim como Hansen (2017), defende não é necessário que os adultos as ensinem a sentar, engatinhar ou até mesmo andar, é imprescindível deixar a criança ficar na posição que ela mesma conquistou.

Quando a criança tem autonomia para desenvolver-se, desencadeia diversos fatores que contribuem no seu desenvolvimento, além de proporcionar a criança que ela desenvolva o controle do seu próprio corpo, possibilitando que a mesma se expresse com mais frequência e facilidade. Soares (2017, p. 47) salienta que “a palavra autonomia se refere, nesse contexto, a capacidade de se mover por iniciativa própria, de acordo com sua vontade e competência, sem a ajuda de um adulto”.

É importante salientar a atenção que Emmi Pikler desenvolve sobre o espaço adequando para promover o desenvolvimento da criança, pois se pararmos para refletir, e pensar em creches, é quase unânime ter tatames ou colchonetes no chão, pois de primeira instância acredita-se ser mais aconchegante, mas como existe o ditado popular, nem tudo que é bom para mim é bom para o outro, então é necessário não só olhar para o todo, mas se colocar no lugar do outro.

É necessário também ressaltar quando Soares (2017) explica com clareza que os tatames ou qualquer outro material mole, que faz com que o corpo do bebê afunde dificulta os movimentos livres da criança, e gera uma atitude de acomodação, pois como tem que fazer uma força demasiada para se locomover acaba se desmotivando e ficando em estado de passividade.

É pertinente destacar que quando o professor deixa a criança se movimentar livremente, ou seja, sem estimular a criança a engatinhar, caminhar, possibilita que o bebê encontre seus limites, bem como a ajuda a aprimorar seu desenvolvimento psicomotor, o que futuramente ocasionará menos acidentes como quedas, desequilíbrio, insegurança ao caminhar, (SOARES, 2017).

Compreendemos assim que o educador, muitas vezes, comete erros, pois está focado em conseguir atender todas as crianças ao mesmo tempo, e acabam ignorando algumas ações ou momentos, pois precisam conseguir fazer tudo dentro do tempo estipulado, ou seja, seguir rigorosamente uma rotina pré-estabelecida, que assim como ressaltado anteriormente, pensando no desenvolvimento da criança, a rotina deveria servir às crianças e não o contrário, como demasiadas vezes acontece.

Percebemos também que, quando dialogamos sobre o desenvolvimento pleno e integral de uma criança, estamos referindo a complexibilidade. Pois perpassa o ato do ensinar, requer um professor responsável preparado para disseminar uma educação embasada principalmente no respeito, ou seja, perceber o tempo de cada criança, não tentar a estimular precocemente.

Salientamos que uma vez que o professor construiu um vínculo com a criança, saberá como organizar um ambiente que possibilite a mesma aprimorar seus movimentos e desenvolver cada vez mais a sua autonomia. Ou seja, compreendemos que o desenvolvimento da criança depende de vários fatores que estão interligados, e quando bem conciliados proporcionam aprendizagem autônomas e significativas.

1.2.2 Organização dos Espaços

O planejamento e a organização dos espaços educacionais infantis, é algo que requer muita atenção. Sabemos que muitas vezes esse aspecto passa despercebido sob o olhar do professor, ou da equipe pedagógica, ou ainda

simplesmente não é dada a dedicação que é necessária, talvez esse descuido aconteça porque não saibam o quanto isso também é um fator importante, quando nos referimos ao desenvolvimento pleno integral da criança.

Sendo que o desenvolvimento da criança depende de várias peculiaridades que estão presentes do âmbito escolar. É propício ressaltar que é comum vermos o descaso para com os ambientes educacionais, lembrando que o objetivo do presente trabalho não é discutir acerca da política econômica do país, sendo indispensável frisar que os espaços de educação necessitam de uma estrutura adequada, espaços diversos, para proporcionar um melhor aprendizado e bem-estar às crianças.

Nessa mesma linha de pensamento é necessário destacar quando Hansen (2017, p.134) enfatiza que “Em muitos lugares podemos constatar espaços mal pensados, objetos mal colocados, brinquedos descuidados. Vemos, por exemplo, paredes com pintura manchada, móveis quebrados ou desgastados demais”. Assim podemos perceber que a organização, e a forma de decoração é um fator que precisa ser levado em consideração quando pensa-se em desenvolvimento da criança.

Considerando que até mesmo para os adultos a decoração de cada lugar proporciona sensações díspares, e porque pensa-se que com a criança seria diferente? Então cabe ao professor ser mais sensível e pensar na criança como um ser que também merece e precisa de um ambiente adequado, decorado, organizado, sendo que quando o ambiente apresenta tais características, torna-se convidativo, ou seja, convida a criança a aprender, aguça sua criatividade, e exala harmonia.

Sobre os espaços adequados para as crianças, Hansen (2017, p.103) nos traz de que primeiramente:

Precisamos compreender que o espaço para a criança pequena é diferente do espaço adulto. Por isso mesmo, é necessário que a criança tenha um espaço próprio, ou de forma ainda mais clara, a criança precisa de um espaço que seja apropriado para ela.

É necessário frisar que esse espaço ideal para as crianças, de acordo com Emmi Pikler e Hansen (2017), é aquele em que o adulto e o professor não precisam estar chamando a atenção da criança a todo momento, pois quando o espaço não é

organizado pensando na criança, ele vai trazer alguns perigos, pois a criança sente a necessidade de investigar tudo o que está a sua volta, por vezes tentando subir, tocar, enfim estar em constante movimento, e se o espaço dispuser de materiais frágeis, vidros, ou escadas altas, pode ocasionar acidentes, ou também na interferência contínua do adulto ou professor.

Quando falamos em organização dos espaços em sala de aula é importante frisar que Maria Montessori (1907) foi uma das grandes precursoras, pois já defendia que o espaço deveria dispor de objetos que fossem apropriados para as crianças, ou seja, os móveis tais como cadeira, mesa, prateleira, deveriam ser feitos em tamanhos proporcionais às crianças, possibilitando assim um melhor envolvimento com os objetos a sua volta.

Percebemos a grande relevância de uma organização adequada dos espaços educacionais, já que o principal objetivo de toda unidade educacional é proporcionar o desenvolvimento pleno integral das crianças. Para tanto, o professor necessita estar disposto a mudanças, romper barreiras, e procurar desenvolver uma prática docente embasada na preocupação com as crianças, em percebê-las como seres que precisam de um espaço apropriado e planejado para se desenvolver.

CONSIDERAÇÕES

A Abordagem Pikler é um método de ensino que visa proporcionar aos bebês o seu pleno desenvolvimento integral. Observamos que ainda há um longo caminho para trilhar até que essa abordagem seja desenvolvida por mais instituições de ensino. Apesar da mesma não ser algo “novo”, a sociedade em geral, ainda tem pouco conhecimento, o que acaba dificultando a inserção em mais espaços escolares. Deste modo, buscou-se estudar, e investigar as suas contribuições para o desenvolvimento dos bebês.

Retratam de forma explícita como a Abordagem Pikler surgiu, como o professor precisa colocá-la em prática de forma que venha a contribuir para com o desenvolvimento do bebê. Através da leitura bibliográfica, despertou uma curiosidade e necessidade da realização da pesquisa de campo, onde possibilitou ver tudo o que Emmi Pikler explica em seus livros, na prática desenvolvida na instituição de educação infantil.

Assim entende-se que ainda se tem muito a melhorar neste campo de atuação, a iniciar pela formação e preparação adequado dos profissionais que

atuam ou desejam atuar na educação infantil. Necessitando posteriormente de formação contínua, realização de cursos, e especialização na área de educação infantil, ou seja, estar em constante aprimoramento.

Ressaltamos que a presente pesquisa veio a contribuir para o reconhecimento da necessidade do professor que atua na educação infantil ser mais valorizado, pois ao contrário do senso comum de algumas pessoas, a grande maioria dos professores desenvolvem seu trabalho com competência e muito conhecimento. Sendo que na Abordagem Pikler os professores desenvolvem um olhar diferenciado sobre esses espaços, realizam um planejamento flexível e principalmente, respeitam as condições e limitações de cada bebê.

Portanto, percebe-se o quão amplo é o ramo da educação infantil, e assim destaca-se a grande satisfação de desenvolver um estudo, que proporcionou olhar para a educação infantil de uma maneira diferente, possibilitou também crescer enquanto acadêmica, perceber que é indispensável desafiar-se, e ir em busca de sanar indagações. Acreditamos que a presente pesquisa desenvolvida, contribui no intuito de trazer conhecimentos significativos para outros profissionais da educação, que posteriormente desenvolverá sua prática com excelência.

REFERÊNCIAS

DIAS, Tânia. Maria, Sampaio. **A brincadeira como eixo estruturante do currículo na educação infantil.** In: CAMPOS. Gleisy, Vieira. LIMA. Lilian (orgs) Por dentro da educação infantil: a criança em foco. 1ª Ed. RJ: Walk, 2010.

KÁLLÓ, Éva. BALOG, Györgyi. **As origens do brincar livre.** 1ª Ed. São Paulo: Omnisciência, 2017.

HANSEN, Roger. **Pedagogia Florença I: Bases para a educação de 0 a 3 anos.** 1ª Ed. Santa Catarina, 2017.

SOARES. Suzana, Macedo. **Vínculo, movimento e autonomia.** Educação até 3 anos. 1ª Ed. São Paulo: Omnisciência, 2017.

TARDOS, Anna. **Autonomia e/ ou dependência.** In: FALK. Judit (org) Abordagem Pikler. Educação Infantil. 1ª Ed. São Paulo: Omnisciência, 2016.